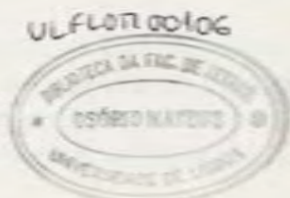


Mário de Sá-Carneiro

JUVENÍLIA DRAMÁTICA

Introdução de MANUELA NOGUEIRA

Nota de MARIA ALIETE GALHOZ



IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

"Mário de Sá Carmona"

"Feliz pela infelicidade,"

Episódio dramático,

adaptação à cena do conto dialogado de

Alfredo Provens.

"L' Aveugle,"

(Cego.)

Mário de Sá Carneiro

FELIZ PELA INFELICIDADE

*Episódio dramático,
adaptação à cena do conto dialogado de
Michel Provins
«L'AVEUGLE»
(«O CEGO»)*

Lisboa
1907

Ao seu «maior» amigo
Rogério Garcia Perez

O adaptador

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Lisboa, 1.º de Fevereiro de 1908

PERSONAGENS

André

40 anos. Cego. Velho antes de tempo. Simpático em extremo. Outrora deveria ter sido um belo rapaz. Engenheiro.

Jorge

38 anos. Pintor estabelecido em Paris. Não o tipo de artista, sim dum *gentleman*.

Germana

30 anos. Formosa, mas duma formosura dolorosa. O rosto estriado já de imperceptíveis rugas. Nos olhos, um vago reflexo de tristezas que não se confessam.

Uma Criada

Rapariguita nova. Todo o serviço: 2\$50 mensais.

Em Lisboa — Actualidade.

ACTO ÚNICO

(Um aposento mobilado muito modestamente.)

CENA I

André, Germana

(Quando o pano sobe, André e Germana estão sentados a uma mesa, na ocasião secretária. Papéis dispersos indicam que estão trabalhando juntos naquilo com que ganham o pão... as migalhas quotidianas: traduções de romances-folhetins.)

André (a Germana, que tendo acabado de escrever, pousa a caneta): Já deves estar cansada de tanto escrever! Quando penso que este trabalho é tão mal pago!... Mas que remédio... Mal diria outrora que, para não morrer de fome, ainda me veria obrigado um dia a... traduzir romances!...

Germana: Que queres, André, a vida é isto... Em virtude dum desastre, cegaste. Por esse facto, a tua carreira de engenheiro ficou, para sempre, despedaçada. Procuraste então outro modo de vida e achaste este... *(com despeito)* magnífico!... Que fazer? Resignarmo-nos com a nossa sorte!...

André: Sim, é o único remédio. (*Pausa. Outro tom*) Diz-me cá: poderemos sair hoje? Estou ansioso por respirar um pouco de ar puro.

Germana (com despeito, deixando transparecer na entoação que dá à frase um tédio mortal pela vida que leva): Não. Chove! Chove como choveu ontem, como choverá amanhã, como choverá sempre neste maldito inverno.

André (depois dum silêncio): Estás triste, Germana?

Germana: Um pouco... por causa do tempo.

André: E por causa da nossa existência, sobretudo, não é verdade?

Germana: Por Deus! Asseguro-te...

André: Não tentes negar. Adivinho-o... Vejo-o...

Germana (docemente): Ver, não podes.

André: Ah! pelos olhos, não, mas pelos sentidos! Por essa espécie de magnetismo que se liberta dos entes humanos — dos

que amamos, principalmente — e que faz com que possamos ler nas suas almas, embora a luz dos nossos olhos esteja, de todo, extinta.

Germana: Mas se te afirmo que...

André: Oh! não afirmes nada. Para quê te defenderes dessa tristeza? Receias que a tome como uma queixa? Não, pelo contrário, compreendo-a muito bem e acho-a justificada. É uma vida terrível a que levas nesta casa acanhada em que falta o ar e a luz, quase despida de móveis, em companhia dum enfermo, dum cego... que é o teu marido! O marido de ti, Germana, jovem e bela!... Em lugar da alegria, da riqueza, do luxo devido à tua mocidade, o homem cujo dever era dar-te tudo isso, dá-te apenas o tédio, o aborrecimento e... quase que a fome!...

Germana: És porém responsável pela fatalidade? Outrora, nos dias venturosos, cercaste-me de tudo quanto me podia fazer feliz, satisfizeste todos os meus caprichos; é justo que eu hoje pague essa grande dívida acompanhando-te na desgraça, tratando-te caprichosamente. Repito: ninguém é responsável pela fatalidade.

André (tristemente): É sempre um criminoso, o homem que não dá à sua mulher aquilo que ela tem direito de esperar dele. Não me posso porém queixar... Deus é justo: dá-me o castigo merecido!

Germana (depois do abraço): Já que não podemos sair, o melhor é recomeçarmos com o nosso trabalho. Não somos tão ricos que possamos perder um dia, inutilmente.

André: Tens muita razão.

(Sentam-se à mesa e preparam-se para trabalhar.)

André (sentado já à mesa): Em que capítulo ficámos?

Germana: No capítulo sexto.

(Cai o pano.)

Adap. de

MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Lx. Dezembro 1907

Esta edição de
JUVENÍLLA DRAMÁTICA

de Mário de Sá-Carneiro

foi composta e impressa por A. Coelho Dias, S.A., em Lisboa

Acabamento nas Oficinas Gráficas da
Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Tiragem 1300 exemplares

Capa de Carlos Marin — Grafidex

Acabou de imprimir-se
em Março de mil novecentos e noventa e cinco

edição 45-006 795

CDD 282 189-088

ISBN-972-27-0690-X

DEPÓSITO LEGAL 96 30895